



**Universidade de São Paulo**

**Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI**

---

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Livros e Capítulos de Livros - MAC

---

2011

# Arte para que? as narrativas enviesadas do contemporâneo

---

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/46747>

*Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo*

700.7

E77

E.1

# ESPAÇOS DA MEDIAÇÃO

CARMEN S. G. ARANHA  
KATIA CANTON  
(Organizadoras)

**DEDALUS - Acervo - MAC**



21500010371

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA  
da Universidade de São Paulo



São Paulo  
— 2011 —

## Arte para quê? As narrativas enviesadas do contemporâneo

KATIA CANTON

Começo este texto com um livre-pensar sobre a importância da arte e sua validade na formação de seres humanos mais capacitados para a vida e seus percursos. Questiono particularmente as implicações da existência e do usufruto da arte contemporânea no mundo hoje.

É certo que a arte possui um fundamental viés subjetivo. E o contato com uma obra ou objeto artístico provoca, instiga, estimula nossos sentidos, de forma a retirá-los de uma ordem pré-estabelecida, sugerindo novas e expandidas possibilidades de viver e de se organizar no mundo.

Sempre desconfie da máxima de que a arte “não serve para nada”, pensando no valor desse “nada” como algo que nos coloca numa condição enviesada e nos suspende no tempo/espaço, nos retirando ainda que momentaneamente da corrida fosforescente do ritmo produtivo e do apetite inesgotável da sociedade de consumo.

A arte ensina a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela nos expande e parece detonar a mola propulsora do funcionamento das coisas da vida, desafiando-as.

O pensador francês Pierre Lévy sugere que o artista virtualiza a vida através de seu trabalho, utilizando o conceito de virtualização como atitude que se opõe à aceitação estável da materialidade das coisas. Virtualização aqui diz respeito à problematização dos objetos, das coisas e de seu comportamento, fazendo-nos pensar e questionar o mundo.

A arte expõe as contradições, os impasses, as sutilezas e as subjetividades que cada coisa do mundo abraça em sua própria existência.

Ela também pede atenção para as particularidades formais – cores, contornos, luzes, texturas, massas, dimensões e ainda no âmbito da arte contemporânea, os cheiros, os ritmos, o tato – assim como para os conceitos, as ideias, as emoções e os sentidos de suas construções. Ela pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção.

Ao mesmo tempo em que se nutre da subjetividade, há outra camada de compreensão da arte, constituída de objetividade. Arte é também índice cultural, que conta a história de nosso contexto e nossa condição humana no mundo. Essa condição requer estudo, aquisição de repertório, para que com esse material se possa estabelecer um grande número de relações estéticas, históricas, políticas.

A arte, afinal, conta a história de um mundo, de seres humanos que o habitam, de um contexto sociocultural que o legitima. E essa constatação implica um treino, um estudo, uma busca de conhecimento.

Aguçar os sentidos, expandir nossa visão de mundo e nosso espírito crítico para as coisas, situar-nos como pessoas humanas pertencentes a uma determinada história legitimada culturalmente

no tempo e no espaço, eis elementos que devem sustentar o ensino da arte hoje.

De fato, pensar na arte como um conhecimento vivo, um tecido no qual se costuram diariamente os fios que compõem a vida, é uma forma de desmistificação. Pois essa desmistificação torna-se fundamental no processo de garantir sua aproximação com um número cada vez maior de pessoas.

O pensador francês Roland Barthes, em seu livro *Mithologies* (1956), define mito como uma representação coletiva definida socialmente e em seguida invertida de modo a não parecer um artefato cultural. A mitificação acontece quando um certo objeto ou evento é esvaziado de sua ética, de seus aspectos sociais e estéticos e apresentado como algo “natural” ou “neutro”.

Uma obra de arte nunca é natural ou neutra. Considerá-la como tal seria mera mitificação. Ela é necessariamente carregada de história, de memórias e de contextos sociopolíticos, alinhavados dentro de suas bordas e de sua carga ético-estética.

Pois o reconhecimento dessas relações aproxima a arte das pessoas, fazendo com que o objeto ou obra artística se nutra de sentidos não apenas subjetivos e estéticos, mas que se validam na experiência cotidiana da vida.

A relação com o meio da arte e a fruição dessa experiência dentro de um contexto educativo será ampliada na medida em que uma mais densa rede de sentidos se estabeleça nessa troca. Nessa rede, cabe o conhecimento de sua história, sua memória, seus aspectos sensoriais e afetivos. Tudo isso diz respeito diretamente a uma atitude contemporânea diante da arte.

## Temas da Arte Contemporânea e busca de sentido

Diferentemente da tradição do novo, conceito-motor que engendrou uma sucessão de experiências estéticas, materializadas durante o século XX sob as vanguardas, a arte contemporânea se constitui de campos de forças que tomam corpo a partir de uma evocação ampla dos sentidos, de uma negociação constante entre vida e arte, arte e vida.

Os artistas contemporâneos não compartilham da atitude moderna, que buscava na arte a ocupação de um espaço suspenso, puro, sintético e abstrato, situado num plano acima das coisas que formam a complexa tessitura do mundo real. No mundo contemporâneo – demarcado por acontecimentos como a derrocada do comunismo, a queda do Muro de Berlim, o fim da bipolarização, o redimensionamento das geografias mundiais e a institucionalização do terrorismo como grande narrativa global – a arte não mais redime. Pelo contrário, a prática artística passa a assumir-se como um projeto de negociação incessante com os acontecimentos e percepções da vida, incorporando-a e comentando-a em suas grandezas e pequenezas, em seus potenciais de estranhamento, em suas banalidades e seus afetos.

Artistas contemporâneos buscam sentido. Sentido que pode ser materializado incorporando-se as preocupações formais que são intrínsecas à arte e que se sofisticaram no desenvolvimento dos projetos modernistas do século XX. Sentido que finca seus valores na compreensão (e apreensão) da realidade, infiltrada na passagem do tempo e na formatação da memória, na constituição dos territórios que constituem e legitimam a vida, nos meandros da história, da política e da economia, nas vias do corpo enquanto carne e símbolo, nos territórios da afetividade.

Como declarou a artista contemporânea Barbara Kruger, em uma entrevista à revista *Art in América* (November, 1997, p. 97), “Fazer arte é materializar sua experiência e percepção sobre o mundo, transformando o fluxo de momentos em alguma coisa visual, textual ou musical. A arte cria um tipo de comentário”.

Em outras palavras: a prática e o pensamento que emolduram a produção contemporânea substituem a noção de arte *per se* por uma junção entre estética e ética, na configuração de potências políticas. E é através de uma convocação em rede dos sentidos, capaz de furar o espetáculo da fugacidade fosforescente do cotidiano, e criar algum tipo de densidade ou comentário, que essas potências tomam corpo.

Pensando nisso, passei a adotar um método de ensino de arte contemporânea, cuja estratégia é a construção de *narrativas enviesadas*.

E o que é isso?

A palavra *enviesado*, no dicionário, é explicada com termos como “de viés, entortado, oblíquo, envesgado, de esguelha”. Já narrativa, ou o ato de narrar, corresponde a “por em memória, registrar, historicizar”.

Utilizo esse conceito pensando no recrudescimento de valores como a história e a memória, no traçado de correspondências entre as diversas produções artísticas e sua fundamentação nos contextos sócio-históricos.

O enviesamento das narrativas da arte contemporânea se liga particularmente a uma singular percepção da passagem do tempo no momento atual.

O tempo contemporâneo surge como um elemento que

substitui a sensação de objetivação cronológica por uma circularidade plena de efervescência e instabilidade. Turbulento, esse tempo parece fugaz e raso, achatando, espiralando, afetando inexoravelmente noções de história, de memória, de pertencimento.

Em suma, as narrativas enviesadas na arte contemporânea substituem a cronologia e a história dos movimentos artísticos por temas contemporâneos, nos quais questões da arte se articulam consistentemente com seus contextos sociohistóricos.

Temas como a memória, o tempo, o espaço, o lugar e o território, o corpo, a identidade, a política e as micropolíticas passaram a ser constantemente pensados e repensados em suas relações de reflexo e espelhamento, dentro e fora dos limites da produção artística.

A evocação das memórias pessoais é vista como a construção de um lugar de resistência, de demarcações de individualidade, impressões que se contrapõem a um panorama de comunicação à distância e tecnologia virtual, que tendem a gradualmente anular noções de privacidade. É também um território de recriação e reordenamento da existência, um testemunho de repertórios singulares. O fim da história, como afirma o cientista russo Ilya Prigogine, seria “a realidade de uma sociedade atemporal, que perdeu sua memória” (em “Cartas às Futuras Gerações”, Caderno Mais! *Folha de S. Paulo*, 2000). Eis que a memória, evocada em seus aspectos físicos/estéticos e psíquicos/emocionais, condição suprema da humanidade, torna-se hoje, simultaneamente, uma das grandes molduras da criação estética e uma das maiores preocupações da educação.

Simson Garfinkel, colunista do jornal *Boston Globe* e membro do Centro Berkman para Internet e Sociedade, da Faculdade de Direito de Harvard, atesta para o fato de que, na sociedade contemporânea virtualizada, a privacidade está ameaçada, atestando para a perda de autonomia e integridade, à medida em que os sistemas

de informação que se estruturam no mundo informatizado e pós-capitalista do século XXI controlam cada cidadão.

O futuro de que nos aproximamos velozmente não é aquele em que cada movimento é visto e registrado por um Grande Irmão onisciente (referindo-se a 1984, de George Orwell). Na verdade é um futuro em que cem pequenos irmãos observam e interferem em nossa vida cotidiana. Orwell pensou que o sistema comunista representasse a ameaça definitiva à liberdade individual. Nos próximos 50 anos veremos surgir novos tipos de ameaça à privacidade, cujas raízes não estão no comunismo, e sim no capitalismo, no mercado livre, na tecnologia avançada e na troca desenfreada de informação eletrônica (2000).

Ao mesmo tempo, conceitos tradicionais de público e privado se desfazem na constituição dos espaços e o não-lugar toma corpo como território de deslocamento incessante. O corpo físico e o corpo virtual se complementam num jogo de forças, constituído pelas trocas entre o desejo, a identidade e as alteridades, o erotismo, as permeabilidades dos gêneros.

No contexto contemporâneo, a arte torna-se uma espécie de pele historiada, porta-bandeira de impressões e sensações do mundo. Como evoca o filósofo Michel Serres:

Mas para cada epiderme seria preciso uma tatuagem diferente, seria preciso que ela evoluísse com o tempo: cada rosto pede uma máscara tátil original. A pele historiada traz e mostra a própria história... A um desenho colorido ou abstrato, corresponderia uma tatuagem fiel e sincera, na qual se exprimiria o sensível. A pele vira porta-bandeira, quando porta impressões (2001, p. 18).

## Referências bibliográficas

- BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- e CUNHA, Fernanda Pereira da (org.). *Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARTHES, Roland. “Da obra ao Texto”. In: BARTHES, Roland. *O Rumor da língua*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Troca Impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- CANTON, Katia. *Coleção Temas da Arte Contemporânea*. São Paulo: WMF / Martins Fontes, 2010.
- GARFINKEL, Simson. “A Guerra da Privacidade”, *Caderno Mais!, Folha de S. Paulo*, 5 de março 2000.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- PERNIOLA, Mario. *Do sentir*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- PRIGOGINE, Ilya. “Cartas às Futuras Gerações”, *Caderno Mais!, Folha de S. Paulo*, janeiro de 2000.
- SERRES, Michel. *Os Cinco Sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.